

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

Contos e Enredos

Jean-Marc Burfin
Direção Musical

Obras de
Ravel
Copland
Milhaud

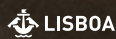
SEXTA
10 MAIO
21H00

AUDITÓRIO DA REITORIA DA NOVA
CAMPUS DE CAMPOLIDE



OAM © Marcelo Albuquerque

FUNDADORES



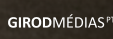
MECENAS



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Contos e Enredos

Gonçalo Santos Aluno de Direção de Orquestra ANSO

Darius Milhaud (1892-1974)

Música do bailado *La Création du Monde* (A Criação do Mundo), Op. 81 (1923)
(duração aproximada: 15 min.)

Jean-Marc Burfin Maestro

Aaron Copland (1900-1990)

Primavera dos Apalaches, suíte orquestral (1944)
(duração aproximada: 23 min.)

Intervalo

João Paes Aluno de Direção de Orquestra ANSO

Maurice Ravel (1875-1937)

Pavane pour une infante défunte (Pavana para uma Infanta Defunta) (1899; 1910)
(duração aproximada: 8 min.)

Henrique Duarte Aluno de Direção de Orquestra ANSO

Maurice Ravel

Ma mère l'Oye (Minha Mãe Ganso), versão orquestral (1908-1910; 1911)
(duração aproximada: 16 min.)

- I. *Pavane de la Belle au bois dormant* (Pavana da Bela Adormecida):
Lent - Allegro - Mouvement de valse modéré
- II. *Petit Poucet* (O Pequeno Polegarzinho):
Très modéré
- III. *Laideronnette, impératrice des pagodes* (Laideronnette, A Imperatriz dos Pagodes):
Mouvement de marche - Allegro - Très modéré
- IV. *Les entretiens de la Belle et de la Bête* (Os Encontros da Bela e do Monstro):
Mouvement de valse modéré
- V. *Le jardin féerique* (O Jardim Feérico):
Lent et grave



LA CRÉATION DU MONDE

A apresentação da obra *La Création du Monde*, Op. 81a, de Darius Milhaud, surge no contexto de um projeto extracurricular criado pelos alunos da classe de Direção de Orquestra e com apoio da Direção Pedagógica e Artística da ANSO. Esta iniciativa tem várias finalidades, tanto ao nível artístico como ao nível pedagógico: a exploração de repertório e correntes musicais diferentes do que é habitualmente trabalhado na Orquestra Académica Metropolitana; a prática em ensembles com instrumentações variadas; o processo de preparação desta atuação contou com o espírito cooperativo de todos os alunos envolvidos no projeto.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

La Création du Monde é um bailado (a partir do qual foi elaborada a suíte que hoje é apresentada), estreado a 25 de outubro de 1923, em Paris, no Théâtre des Champs Élysées pela companhia Ballet Sueco. A sua criação resultou de uma colaboração entre artistas de várias áreas. A música ficou a cargo de Darius Milhaud, a coreografia é de Jean-Börlin, os figurinos e cenários da autoria de Fernand Léger, e o argumento literário baseado na obra «As lendas cosmogónicas» de Blaise Cendrars.

No que diz respeito às estéticas musicais presentes nesta obra, é possível verificar uma mistura muito equilibrada entre a tradição musical dita «erudita», ou «clássica», e o jazz americano. Milhaud teve um contacto muito próximo com a designada «Negro Music», estilo musical proveniente dos escravos, muito

ouvido em Paris nos tão conhecidos «Loucos anos 20».

Quanto à estrutura, a suíte é constituída por um Prelúdio e cinco cenas ilustrativas do processo de criação do mundo. A primeira cena evoca o caos presente antes da criação; a segunda cena conta-nos um pouco do nascimento da fauna, da flora e da emoção e delicadeza envolvidas na criação da vida; a terceira cena apresenta-nos a criação do Homem e da Mulher e, logo de seguida, a quarta cena remete ao desejo, à atração entre ambos; por fim, a última cena ilustra ambientes de primavera e o apaziguamento após estar concluída a Criação do Mundo. Em toda a história, existem vários narradores que se destacam na orquestra e que nos vão elucidando passo a passo acerca deste processo.

PRIMAVERA DOS APALACHES

Aaron Copland é o compositor que, por excelência, melhor representa o florescimento da tradição musical clássica nos Estados Unidos da América ao longo do século passado. A sua música apropria-se de uma cultura centenária que nasceu no velho continente, mas expressa genuinamente a identidade norte-americana. Estudou três anos em Paris, no início dos anos 1920, onde assistiu a espetáculos dos Ballets Russes. Não espanta, por isso, a presença da dança no seu catálogo, onde se destacam os bailados *Rodeo*, *Billy the Kid* e *Appalachian Spring*.

Martha Graham (1894-1991) estreou o bailado *Appalachian Spring* em 1944, em Washington. A música, assinada por Aaron Copland, foi originalmente composta para a ocasião, ao encontro de um enredo que se inspirava nas tradições rurais da Pensilvânia no século XIX. Graham fundara nos anos 1920 uma escola de dança em Nova Iorque que se distinguiu pela importância dada às raízes culturais norte-americanas. Coreografias como *Primitive Mysteries* (1931) e *American Provincials* (1934) inspiravam-se, precisamente, em aspetos ancestrais dessa cultura, atendendo de igual modo aos legados dos povos indígenas e dos colonizadores. Após várias tentativas, a sua companhia de dança conseguiu reunir o apoio



Martha Graham em Appalachian Spring

financeiro necessário para ter a colaboração de Copland. Foi então enviado um guião que serviu de base para o músico iniciar o seu trabalho, ainda que o tenha sempre feito quase à distância, praticamente até aos derradeiros ensaios. O libreto retrata uma festa de primavera em torno da inauguração da casa de um jovem casal. Mas por detrás do quadro sentimental e do ambiente nostálgico que atravessa todo o espetáculo, vislumbra-se uma reflexão política sobre a identidade de um povo. Neste sentido, apontam-se as figuras mais emblemáticas daquela tradição, tais como a noiva e

o agricultor, seu noivo, os crentes puritanos, o reverendo, a matriarca, o pioneiro, o cidadão e o abolicionista. Evoca-se a vida dessas gentes, a construção das casas, os namoros, os nascimentos das crianças, os casamentos e a guerra. Não por acaso, Copland integrou na sua partitura o hino «Simple Gifts», com o qual se celebrava a alegria de viver no contexto da comunidade religiosa Shakers radicada naquele território. Originalmente composta para treze instrumentos, o próprio compositor estendeu esta instrumentação numa suíte orquestral que destaca as partes mais idílicas do bailado.

UMA PAVANA DEFUNTA

Maurice Ravel compôs a *Pavane pour une infante défunte* em 1899 para ser tocada ao piano. Já em 1922 gravou a sua interpretação em rolo de papel perfurado. Ao ouvir a reprodução, percebemos melhor o célebre comentário que dirigiu certa vez a um músico que acabara de tocar a peça: «Atenção meu caro, o título não é ‘Pavane défunte pour une infante’»

A «Pavana para uma infanta defunta» de Maurice Ravel é um breve poema sinfónico de nostálgica beleza que nos convida a imaginar uma jovem princesa espanhola dançando ao longe, no seu palácio. Na verdade, o lamento dirige-se aqui a uma princesa que nunca

existiu, já que, para a escolha do título, nada mais terá contribuído do que a sonoridade do dizer «Pavane pour une infante défunte». Sobre o ritmo processional da Pavana, uma dança italiana que em Espanha derivara em associações fúnebres, Ravel inspirava-se na influência de sua mãe, que vivera muitos anos em Madrid.

Na origem, foi uma obra para piano escrita em 1899, quando o autor do *Bolero* ainda frequentava o Conservatório de Paris, na classe de Gabriel Fauré. Cedo se tornou muito popular entre os intérpretes amadores e uma das suas composições mais apreciadas, plena de melancolia e suavidade. Apesar de a intenção inicial ter sido a mera

realização de um exercício académico, foi tal o sucesso que acabou por preparar em 1910 a versão orquestral que hoje conhecemos. No dia 30 de junho de 1922 gravou em Londres a sua própria interpretação ao piano num sistema de registo em cartão perfurado. Reflete aí uma leitura sóbria e precisa, que não busca refúgio na expressão elegíaca que se poderia esperar. Percebe-se melhor, assim, o célebre comentário que dirigiu numa certa ocasião ao melómano pianista Charles Oulmont que acabara de tocar a peça: «Atenção meu caro, o título não é ‘Pavane défunte pour une infante’».

O título *Minha Mãe Ganso* faz alusão ao livro de contos publicado por Charles Perrault em finais do século XVII. Trata-se de uma suíte de cinco peças composta por Maurice Ravel entre 1908 e 1910, duas das quais inspiradas em contos que aí se lêem e que nos são hoje bastante familiares: *A Bela Adormecida* e *O Pequeno Polegarzinho*. Com origem numa tradição oral que remonta à Idade Média, juntam-se aqui sob a figura lendária da Mãe Ganso, uma mulher do campo que contava histórias às crianças.

Muito embora Ravel também tocasse piano, o seu instrumento de eleição era a orquestra; desde logo enquanto maestro, mas sobretudo enquanto compositor. O seu nome é uma referência incontornável na arte da orquestração. Distingue-se pela utilização meticulosa – por vezes pouco convencional – das qualidades específicas do som de cada instrumento, o que lhe permite construir «enredos musicais» inconfundíveis, explorar a paleta tímbrica como recurso dramatúrgico explícito e obter efeitos expressivos que sugerem no ouvinte referências extramusicais, sejam elas reais ou imaginárias.

Ravel compôs estas peças para serem tocadas por duas crianças ao piano, a 4 mãos. Para lá da coletânea de Perrault, inspirou-se igualmente noutros contos, tais como *A Bela* e *o Monstro*, este publicado em França em meados do século XVIII. O sucesso despontou quando as duas crianças dedicatárias, de seis e dez anos, as tocaram em público em abril de 1910 na Salle Gaveau, em Paris. No ano seguinte rescreveu-as para orquestra. Fez ainda uma adaptação para um bailado que estreou em janeiro de 1912 no Théâtre des Arts, juntando então um Prelúdio e mais uma cena. Instalam-se assim quadros vivos em forma de som; miniaturas construídas com orquestrações delicadas. Os instrumentos libertam-se de si mesmos. Encarnam animais, cores, cheiros, lugares, estações do ano... histórias de encantar. O registo agudo da flauta contrasta com os *pizzicatti* nas violas d'arco e o unísono das trompas, uma atmosfera tranquila que tão certamente ilustra a *Pavana da Bela Adormecida*. O solo do oboé sobressai depois sobre cordas abafadas pela surdina nos cenários bucólicos por onde *O Pequeno Polegarzinho* vagueia. O som velado das cordas *sul tasto*

(longe do cavalete) sustenta os motivos pentatónicos que se precipitam nos tímpanos, nos xilofones e nos sopros – retrato sugestivo d'*A Imperatriz dos Pagodes*. O som cristalino do clarinete junta-se às cordas numa valsa que ilustra os encontros amorosos da Bela e do Monstro. Com parcimónia, articulam-se num jardim fantasioso a voluptuosidade das cordas e breves apontamentos de sucessivos instrumentos. Um verdadeiro tratado de orquestração.

Textos de Rui Campos Leitão



Le Petit Poucet - 1905 - BnF Gallica



Maurice Ravel ao Piano (cc. 1912/1913) - fonte: BnF - Gallica



Jean-Marc Burfin e OAM © Marcelo Albuquerque

JEAN-MARC BURFIN MAESTRO TITULAR DA OAM

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é

notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev. Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux,

Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004. Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra. Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

FLAUTAS
Luís Marto
Maria Eduarda Carvalho
Mariana Costa

OBOÉS
Adriana Santos
Guilherme Cruz
Eduardo Santos

CLARINETES
Tiago Mourato
David Dias
Diogo Silva
Eduardo Laranjeira

FAGOTES
Miriam Cunha
Roberto Arcăleanu
Sofia Fernandes

TROMPAS
Ivan Branco
Tiago Nunes

TROMPETES
Henriques Brites
Joana Fernandes

TROMBONE
António Manso

SAXOFONE
Mauro Cardoso¹

TÍMPANOS
Rafael Louro
Miguel Almeida

PERCUSSÃO
Bernardo Ramos

CELESTA
José Sarmento

HARPA
Emanuela Nicolí²

PIANO
Duarte Bento
Tomás Bryant

1.º VIOLINOS
Francisco Costa
Leonardo Martins
Carolina Correia
Francisco Russo
Lia Nascimento
Catarina Lobo

2.º VIOLINOS
Diogo Mateus
Cíntia Sebastião
Nuno Rodrigues
Clara Santos¹
Rita Almeida
Ana Massacote

VIOLAS
Vladimira Plugaru
Ana Russo²
Camille Estêvão²

VIOLONCELOS
Inês Coelho
Sara Oliveira
Beatriz Correia
Gabriel Moita

CONTRABAIXOS
Rita Hipólito
Guilherme Reis

1 – Aluno/a EPM
2 – Convidado/a

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A Orquestra Académica Metropolitana (OAM) estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António

Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados cinco programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado

Diretor Artístico Pedro Neves

Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov

Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação, Ciência e Inovação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Ministério da Juventude e Modernização
Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal da Lourinhã
Câmara Municipal do Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Municípios Parceiros em 2024

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures

Patrocinador Principal



Patrocinadores



Patrocinador das Bolsas de Estudo ANSO



Parceiros



Parceiros Media



Parcerias

Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches
Museu Nacional da Música

facebook.com/metropolitanaix | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

PRÓXIMOS CONCERTOS

Concerto para Violino de Brahms

DOMINGO 19 MAIO - 19H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CCB

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Frank Peter Zimmermann Violino
Pedro Neves Maestro

Obras de Joly Braga Santos, Miguel Azguime e Johannes Brahms

M/6 - BILHETES À VENDA

Ticketline / Bilheteira do CCB todos os dias entre as 10h00 e as 19h00

No Centenário de Joly Braga Santos

DOMINGO 26 MAIO - 17H00
FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI, SETÚBAL
SEGUNDA 27 MAIO - 21H00
SALA PRINCIPAL DO TEATRO TIVOLI BBVA

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Pedro Neves Maestro

Obras de Joly Braga Santos e Antonín Dvořák

M/6 - BILHETES À VENDA

Ticketline / Bilheteira do Teatro Tivoli BBVA